



1700º ANO DO CONCÍLIO DE NICÉIA E 60º ANO DO ENCERRAMENTO DO
CONCÍLIO VATICANO II DOSSIÊ Nº 2

doi: [10.25247/paralellus.2025.v16n39.p425-440](https://doi.org/10.25247/paralellus.2025.v16n39.p425-440)

**POR UMA EDUCAÇÃO HUMANÍSTICA: SOB AS DIDÁTICAS DA
PROXIMIDADE, PERSISTÊNCIA E DA INQUIETUDE**

FOR A HUMANISTIC EDUCATION: UNDER THE DIDACTICS OF
PROXIMITY, PERSISTENCE AND RESTLESSNESS

POR UNA EDUCACIÓN HUMANÍSTICA: BAJO LAS ENSEÑANZAS DE LA
PROXIMIDAD, LA PERSEVERANCIA Y LA INQUIETUD

Josineide Silveira De Oliveira¹

Umberto De Araújo Medeiros²

João Batista Nunes Filho³

RESUMO

Proximidade, persistência, e inquietude são pressupostos de uma formação humanística nutrida pelas razões da sensibilidade, alicerçada nos argumentos da esperança e desenvolvida sob os auspícios das forças de conjunção. As discussões deste artigo produziram-se no desdobramento de reflexões feitas por professores, estudantes, padres e articuladores pastorais em fóruns educacionais e pastorais em vista do reavivamento da confiança nas contribuições da educação para a construção de um mundo solidário. Serviram de interlocutores teóricos Edgar Morin, Byung-Chul Han e Paulo Freire. No investimento de aproximação entre os objetivos do Pacto Global da Educação proposto pelo Papa Francisco

¹ Doutora em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte, UFRN (2003). Atualmente é docente da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, UERN e professora credenciada no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, PPGED/UFRN. E-mail: josilveira02@gmail.com.

² Doutor em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte, UFRN (2022). Atualmente é professor do Magistério Superior na Universidade Federal Rural do Semi-Árido, UFRSA - Campus Angicos. Tem experiência nas áreas de Filosofia e Educação. E-mail: umberto@ufersa.edu.br

³ Doutorando em Educação pela UFRN, mestrado em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte, UFRN (2023). Diretor do Centro de Educação Integrada Monsenhor Honório. E-mail: jbnfilho@gmail.com.



e as Ciências da Complexidade, revisita-se ações educativas e pastorais do Monsenhor Expedito Sobral de Medeiros (1916-2000), sacerdote católico que viveu nos últimos anos do século XX no Sertão Potiguar onde aprendeu a importância das aprendizagens comunitárias. Numa sociedade afeita às aspirações individualistas rever algumas lições do citado Monsenhor ajuda a crer no fortalecimento dos vínculos coletivos como móveis da democracia cognitiva, reforço de uma estética fraterna do viver e fundamento de uma ética de responsabilidade.

Palavras-Chave: Educação humanística; Pacto Educativo Global; Ciências da Complexidade.

ABSTRACT

Proximity, persistence, and restlessness are prerequisites for a humanistic education nourished by the reasons of sensitivity, grounded in the arguments of hope, and developed under the auspices of the forces of conjunction. The discussions in this article were produced in the unfolding of reflections made by teachers, students, priests, and pastoral coordinators in educational and pastoral forums in view of the revival of confidence in the contributions of education to the construction of a world of solidarity. Edgar Morin, Byung-Chul Han, and Paulo Freire served as theoretical interlocutors. In the investment of approximation between the objectives of the Global Pact for Education proposed by Pope Francis and the Sciences of Complexity, we revisit the educational and pastoral actions of Monsignor Expedito Sobral de Medeiros (1916-2000), a Catholic priest who lived in the Sertão Potiguar region in the last years of the 20th century, where he learned the importance of community learning. In a society prone to individualistic aspirations, reviewing some of the lessons of the aforementioned Monsignor helps us believe in the strengthening of collective bonds as a means of cognitive democracy, reinforcing a fraternal aesthetic of living and the foundation of an ethic of responsibility.

Keywords: Humanistic education; Global Educational Pact; Complexity Sciences.

RESUMEN

La proximidad, la perseverancia y la inquietud son presupuestos de una formación humanista alimentada por las razones de la sensibilidad, basada en los argumentos de la esperanza y desarrollada bajo los auspicios de las fuerzas de la conjunción. Las discusiones de este artículo surgieron de reflexiones realizadas por profesores, estudiantes, sacerdotes y organizadores pastorales en foros educativos y pastorales con miras a reavivar la confianza en las contribuciones de la educación a la construcción de un mundo solidario. Los interlocutores teóricos fueron Edgar Morin, Byung-Chul Han y Paulo Freire. En la inversión de acercamiento entre los objetivos del Pacto Educativo Global propuesto por el Papa Francisco y las Ciencias de la Complejidad, revisitamos las acciones educativas y pastorales de Monseñor Expedito Sobral de Medeiros (1916-2000), sacerdote católico que vivió en los últimos años. años del siglo XX en Sertão Potiguar donde aprendió la importancia del aprendizaje comunitario. En una sociedad acostumbrada a aspiraciones individualistas, revisar algunas lecciones del citado Monseñor ayuda a creer en el fortalecimiento de los vínculos colectivos como herramientas de democracia cognitiva, refuerzo de una estética de vida fraterna y fundamento de una ética de la responsabilidad.

Palabras clave: Educación humanística; Pacto Educativo Mundial; Ciencias de la Complejidad.

1 INTRODUÇÃO

A primeira versão desta reflexão foi desenvolvida no dia 20/04/2024 na Cidade de Serra Caiada/RN por ocasião de um convite feito pelo Mons. Severino Ramos, Vigário Episcopal para a Região Sul da Arquidiocese de Natal. O tema proposto para aquela ocasião era os *Desafios da Educação Religiosa no mundo contemporâneo*. Havia um consenso, por parte dos convidados àquele evento de que as pessoas no tempo presente parecem experimentar a síndrome de dispersão e, por conseguinte, a falta de empatia com valores constituintes do coletivo nos quais são fortalecidos os vínculos comunitários. As narrativas de padres e professores parecem ecoar num vazio, salvo quando apelam para a verticalidade da relação humano e divino ou favorecimentos individuais encorajadores da crença na meritocracia. Começamos nossa abordagem considerando três proposições a serem tratadas em vista da formação integral de sujeitos conscientes de suas responsabilidades ética e histórica: (1) a proposta do Pacto Educativo Global proposto pelo Papa Francisco, (2) as exigências de uma educação planetária e (3) as estratégias de método a serem observadas no processo de uma formação para a solidariedade universal.

A discussão daquele dia foi sendo enriquecida posteriormente em fóruns educativos e pastorais pela participação de professores e alunos, padres e articuladores pastorais do território da Arquidiocese de Natal. Foram acrescentadas às reflexões leituras e relatos das práticas educativas e pastorais vividas pelo Monsenhor Expedito Sobral de Medeiros (1916-2000), sacerdote católico que atuou no sertão potiguar por 61 anos, dos quais 56 dedicados à Paróquia de São Paulo do Potengi/RN. No contexto pastoral do vigário do Potengi, comunidades pobres sentiam-se desassistidas do apoio da Igreja, cuja narrativa consideravam identificada com as estratégias dos proprietários de terras e demais abastecidos pela sorte de bens materiais. Muitos cristãos, mesmo reconhecendo-se católicos, se distanciavam da Igreja e seguiam nas labutas diárias num nítido distanciamento entre fé e vida. Reativar os laços da confiança entre fiéis e clero, abrir-se à escuta dos pobres e ao acolhimento a todas as pessoas passou a ser uma obsessão pastoral do Monsenhor Expedito. Nas ações desenvolvidas pelo citado religioso é possível observar estratégias de proximidade e lições de persistência que podem nos servir de auxílio na empreitada reflexiva sobre a problemática da educação religiosa no tempo presente.

2 PEDAGOGIA DA RELIGAÇÃO

O Pacto Educativo Global lançado em 12/09/2019 pelo Papa Francisco sugere uma aliança entre escola, família e sociedade com vista ao desenvolvimento integral da pessoa humana e a proteção da Casa Comum. Entende o Pontífice que estamos vivendo numa sociedade crivada por individualismos, orientada pela ganância de lucros e carente de solidariedade. Nesse contexto convém revisitar valores fraternos aptos a renovação das forças da esperança e conduzir-se por caminhos que levem ao parlamento da consciência do nosso destino planetário inter cruzado pelas diversas crises, mas aberto à boa utopia de acesso a uma terra sem males, sonho ancestral dos povos.

No cenário das emergentes “policrises de: alteridade, economia, política, ambiental, ética e sanitária” (Morin; Sloterdijk, 2021 p.11) naturalizam-se o alheamento ético e sobrepõem-se os desmandos da tecnoeconomia invadindo as esferas do viver e universalizando a linguagem de mercado como reguladora do *ethos* cotidiano. Dentre os efeitos visíveis é possível constar a redução do valor das vidas à frieza numérica e a obsessão pelo sucesso individual em detrimento da fraternidade.

Parece imperativo indagar sobre os propósitos da educação mediante o contexto de tais crises. Diz o Papa no Documento do Pacto Educativo Global (2020, p.23-24):

Educar é sempre um ato de esperança que convida à comparticipação transformando a lógica estéril e paralisadora da indiferença numa lógica diferente, capaz de acolher a nossa pertença comum (...) a educação apresenta-se como um antídoto natural à cultura individualista, que às vezes degenera num verdadeiro culto do ‘ego’ e do primado da indiferença. O nosso futuro não pode ser a divisão, o empobrecimento das faculdades do pensamento e imaginação, de escuta, diálogo e compreensão mútua.

Nesse mundo em degeneração de valores humanísticos, desrespeito às tradições e saques aos bens da Terra, a promoção de uma educação libertadora da vigente lógica individualista e exploratória não é obra de uma só instituição, “heróis salvadores da pátria” ou sobreposições ideológicas. É tempo de unir forças para firmar um pacto de regeneração da vida no planeta Terra. Insiste o Papa:

apelamos, em todas as partes do mundo, de maneira particular aos homens e mulheres da cultura, da ciência e do desporto, aos artistas,

aos operadores dos meios de comunicação social, para que adiram - também eles - a este pacto e, com seu testemunho e trabalho, façam-se promotores dos valores de desvelo, paz, justiça, bondade, beleza acolhimento do outro e fraternidade (PEG, 2020 p. 24).

3 POR UM PARLAMENTO DA ESPERANÇA

Aproximando o texto do Pacto Educativo Global às Ciências da Complexidade percebemos uma convergência de apelo no que toca a necessidade de uma formação integral propiciadora das condições de inclusão e desenvolvimento social para os humanos sem descuido do patrimônio ambiental. Na perspectiva do Papa Francisco é inadiável assentir sete compromissos como pressupostos da formação humanística afeita à solidariedade universal: “colocar a pessoa no centro, ouvir as novas gerações, promover a mulher, responsabilizar a família, renovar a economia e a política, cuidar da casa comum” (PEG, 2020). Nos dizeres de Edgar Morin (2019 p.47) é urgente e imperativo resistir a “crueldade do mundo” a partir do propósito de uma “mudança de via” guiada pelo espírito fraterno apto ao aprendizado de uma ética planetária capaz de visualizar a importância das singularidades no contexto da pluralidade.

Trata-se da formação para um humanismo planetário plasmado no encontro entre cultura científica e cultura humanística (Snow, 1995), refinado num parlamento constantemente constituído pelo conhecimento científico, os saberes da tradição, artes e espiritualidades. O desabrochar de tal humanismo supõe escuta atenta à polifonia advinda das narrativas que expressam as várias compreensões do mundo e suscitam redirecionamentos de ações em vista de cooperações regenerativas da teia da vida. Para Edgar Morin (2013) mudar de via é comprometer-se com a regeneração das relações sociais cindidas pela fragmentação do pensar e do agir, combater injustiças provedoras de desigualdades, lançar bases para uma democracia cognitiva e reaver princípios que religam à trindade “indivíduo-sociedade-espécie”.⁴

A delicadeza na efetividade de tais propósitos requer um questionamento: a Igreja e a escola ainda são instituições formadoras nesses tempos de múltiplas mídias e inteligência artificial? Diante deste questionamento é forçoso lembrar que igreja e

⁴ Para Edgar Morin (2002 p. 55) é urgente ultrapassar a “individualidade” e recuperar no humano o sentimento de pertença à trindade indivíduo-sociedade-espécie, no qual “as características biológicas e culturais não são nem justapostas nem superpostas. São os termos de um processo cíclico recomeçado e regenerado incessantemente”

escola se constituem respectivamente de narrativas tecidas pela anunciação do mistério e pela busca de autonomia do sujeito cognoscente. Tais empreitadas exigem mais que instrução, circularidade de informações ou competência técnica. Requistam tempo de maturação e pressupõem a intervenção de sujeitos formadores cujas narrativas devem ser capazes de instigar a deambulação do pensamento na itinerância pelo desabrochar da sabedoria. Para Walter Benjamin (1892-1940) a sabedoria é tecida no ventre das experiências obtidas no decorrer da existência e nutrida no compartilhamento da vida coletiva. Olhando por esse ângulo a igreja e a escola têm por missão esculpir espíritos observadores, bons ouvintes, indivíduos questionadores e cuidadosos narradores do mundo. Cabe insistir no questionamento: professores e pastores ainda cumprem o propósito de narradores do mundo para novas gerações? Walter Benjamin (1994 p. 200-201) adverte: “a arte de narrar está definhando porque a sabedoria - o lado épico da verdade - está em extinção.”

O bombardeio de informações fragiliza o vagar da narrativa. “A crise da narrativa da modernidade se deve ao fato de que o mundo está inundado de informações. O espírito da narração está sendo sufocado pela enxurrada de informações” (Han, 2023 p.20). As informações encharcam os espaços educativos favorecendo a crença numa pseudo liberdade dos indivíduos na constituição dos próprios itinerários formativos. Longe da perspectiva kantiana que se vale da razão para questionar os fundamentos do próprio conhecimento e primar pelo favorecimento da racionalidade aberta, a autossuficiência moldada pelos interesses pessoais reduz o conhecimento a uma aquisição individual e amesquinha a potência das questões: “o que posso saber? O que devo fazer? O que me é permitido esperar?” (Kant, 2016). Investimentos intelectuais desconectados das experiências do viver molda sujeitos encharcados de conteúdos, mas carentes de sabedoria. O farto estoque de informações aguça a ilusão prometeica que todo saber está ao alcance da mão, basta saber recorrer às várias ferramentas tecnológicas disponíveis e o sucesso depende do desempenho pessoal. Deste contexto firma-se a convicção de que o domínio de conhecimento pode ser adquirido pelo hábil manejo de aplicativos e sequenciais tutoriais. Mergulhados nesse universo, muitos indivíduos acreditam-se mestres de si mesmos e dos outros. Uma dispersão de opiniões circula em rede e dissemina saberes, fazeres e valores que na imediatez da utilidade, na maioria das vezes, dispensa princípios, questionamentos e apressa redirecionamentos irrefletidos.

4 O AFETO COMO PRINCÍPIO DE RESPONSABILIDADE

As narrativas da escola e da Igreja são confrontadas por valores e conceitos forjados à luz dos desejos pessoais e ou opiniões de *influencers*. A pressa nutre-se do frenesi das autoexplicações, que por sua vez desmobiliza o vagar do pensamento, esmorece o esforço reflexivo e anestesia o afeto. A rapidez do movimento informativo suprime distâncias espaciais, mas ao mesmo tempo que minimiza as relações de proximidades. Temos acesso ao mundo inteiro a partir do contato com nossas telas, mas isso não significa proximidade. Estar próximo é deixar-se afetar pelo que se vê, ouve e sente, nos termos da compaixão que desperta responsabilidade. A parábola bíblica do bom samaritano nos traz uma lição clara de proximidade. Convém relembra-la.

Um homem ia descendo de Jerusalém para Jericó e caiu nas mãos dos assaltantes, que lhe arrancaram tudo e o espancaram. Depois foram embora, e o deixaram quase morto. Por acaso um sacerdote estava descendo por aquele caminho; quando viu o homem, passou adiante, pelo outro lado. O mesmo aconteceu com um levita: chegou ao lugar, viu, e passou adiante, pelo outro lado. Mas um samaritano que estava viajando, chegou perto dele, viu e teve compaixão. Aproximou-se dele, fez curativos, derramando óleo e vinho nas feridas. Depois colocou o homem no seu próprio animal, e o levou a uma pensão, onde cuidou dele. No dia seguinte, pegou duas moedas de prata, e as entregou ao dono da pensão, recomendando: 'tome conta dele. Quando eu voltar, vou pagar o que ele tiver gasto a mais'. E Jesus perguntou: na sua opinião, qual dos três foi o próximo do homem que caiu na mão dos assaltantes? (Lc 10, 30-36)

O sofrimento do homem não afetou o percurso dos primeiros transeuntes. A familiaridade com aquele tipo de evento impedia-lhes empatia com o acontecido. A narrativa conduz-nos aos dias hodiernos. Certamente a facilidade de acesso às muitas notícias aliadas à consumição do tempo coloca-nos na trilha do sacerdote e do levita e faz-nos seguir pelo outro lado do caminho. A ênfase dada por Jesus: “chegou perto, viu e teve compaixão” indica a necessidade de uma parada. A partir daí desdobra-se a sequência de cuidados que demandam a necessidade da dedicação de um pouco do tempo àquele que sofre. O questionamento final da parábola: “qual dos três foi mais próximo do homem que caiu na mão dos assaltantes?” requer comprometimento dos ouvintes. Cobra-lhes reflexão e espreita compromisso. Supõe envolvimento e responsabilidade de quem se reconhece companheiro na estrada da vida. Byung-Chul Han valendo-se da afirmação de Walter Benjamin expõe:

cada manhã recebemos notícias de todo o mundo. E, no entanto, somos pobres em histórias surpreendentes. A razão é que os fatos já nos chegam acompanhados de explicações. Em outras palavras: quase nada acontece a serviço da narrativa, e quase tudo está a serviço da informação”.(Bejamin,1985 apud. Han, 2023 p. 21).

É pressuroso recuperar o vigor da narrativa para reaver a sensibilidade suprimida pelo frenético ritmo da pressa dispensadora da compreensão dos fatos, das coisas e da própria condição humana. Ao narrador impõe-se a incumbência de reaver a sensibilidade, esquecida nos escombros individualistas, fechada ao reduto das telas e aprisionada pela recusa em ouvir a voz do outro, mesmo quando o discurso de respeito a alteridade está em voga.

O fortalecimento da convicção de que pertencemos a mesma comunidade de destino vai além da oferta de sacramentos, conteúdos, tutoriais ou *podcasts*, embora tudo isto seja imprescindível na sociedade atual. Espera-se que sacerdotes e professores saibam conjugar teorias, experiências, percepção indutiva e disposição de permanente aprendizagem. Entretanto, é forçoso estar atento às dificuldades a serem enfrentadas. No que toca a Igreja podemos pensar a partir dos versos do padre Zezinho compostos em 1990, quando a religião era uma produtora de narrativas capazes de moldar comportamentos e indicar caminhos:

Eu vim de lá do interior,
Onde a religião ainda é importante,
Lá quem passa em frente da matriz,
Se benze e não sente vergonha de ter fé.
Eu vim de lá do interior,
E sei que a religião, já não influi mais tantos nas pessoas.
Sei que a televisão, o rádio e o jornal,
Convencem mais cabeças do que o padre lá no altar.

A composição nostalgia as marcas de um pertencimento à vida comunitária há muito tempo fragilizado. A situação agravou-se na sucessão dos anos com a oferta abundante de preceitos advindos das mídias, por vezes até de conteúdos religiosos. Mesmo que um bom número de fiéis ainda proclame a fé, a instituição religiosa “já não influi mais tanto nas pessoas,” como asseguram os versos do canto citado. Na era do consumismo de informações, a maioria dos fiéis “serve-se” do que lhe convém. Um espírito clientelista esparrama-se pelo espaço religioso esvaziando a figura do sacerdote enquanto referência da vida comunitária, reduzindo-o à condição de celebrante dos sacramentos. Os conselhos antes buscados nas narrativas religiosas

são agora obtidos pelas orientações de *coachs* do bom desempenho. Ainda que alguns deles também ocupem a dupla condição de religiosos e *coachs*, não são provedores de narrativas, pois projetam soluções instantâneas. Assevera Byung-Chul Han (2023 p.32)

a sociedade está ficando cada vez mais pobre de experiências transmissíveis que correm da boca ao ouvido. Nada mais é transmitido e narrado. O narrador é alguém que, segundo Benjamin, 'sabe dar conselhos'. O conselho não promete uma solução para o problema. Ele é muito mais uma sugestão de como continuar uma história.

No que diz respeito a escola não é novidade que os professores se restringem aos conteúdos programáticos evitando o risco de trânsito por terrenos fora de suas competências disciplinares. Aprisionada pelo compromisso da instrução correspondente ao rigoroso sistema avaliatório a escola investe em conteúdos que favoreçam aos alunos a aquisição de boas notas nos ordinários processos de verificação do conhecimento. A lógica do desempenho produtivo aterroriza educandos e educadores ao eleger a quantificação em detrimento da reflexão. É comum perguntar-se aos adolescentes como está o rendimento escolar ou quantos livros leram por ano, sem que lhes seja indagado sobre as experiências vividas e as histórias ouvidas. Não é muito diferente a cobrança feita aos professores sobre a quantidade de textos produzidos, a participação nas várias reuniões e número de comissões às quais pertencem. Exaustos, alunos e professores abreviam falas e cortam caminhos do pensar.

Ecos advindos das várias opiniões afetam ensinamentos de mestres e pastores. Os processos de aprendizagens foram afetados. Seja na comunidade escolar ou paroquial ruídos se interpõem e exigem reorganização do processo educativo. O que fazer? Devem todos renderem-se às mesmas estratégias usadas por *influencers* digitais para serem ouvidos? Parece-nos que a narrativa do bom samaritano tem muito a ensinar quando sugere “chegar perto, ver” e comprometer-se. É urgente afastar-se do modismo clientelista imposto à cultura pelos ditames do mercado financeiro para perceber que sacerdotes, fiéis, educandos e educadores são sujeitos de narrativas reveladoras das políticas de humanidade. Para Edgar Morin (2013) as veredas em direção a “um mundo melhor” devem ser abertas por meio de reformas desenvolvidas de forma interdependente. Mudar de via é encorajar-se e abrir-se às várias reformas.

A reforma de vida, a reforma moral, a reforma do pensamento, a reforma da educação, a reforma de civilização, a reforma política, todas elas mobilizam umas às outras e, por isso mesmo, seus desenvolvimentos lhes permitirão se dinamizar (Morin, 2013 p.381).

Pactos civilizatórios estão sendo firmados, como é caso do PGE proposto pelo Papa Francisco e a proposição das Ciências da Complexidade em favor de uma democracia cognitiva sempre incerta, mas afeita à esperança. Experiências bem sucedidas servem de ânimo e constituem-se lições a serem apreciadas nesses tempos nos quais impera o enclausuramento dogmático, seja no âmbito religioso ou acadêmico.

5 REIVINDICAÇÃO E SÚPLICA COMO DIDÁTICAS DE PERSISTÊNCIA E PROXIMIDADE

Mediante ao exposto valhamo-nos de duas narrativas proclamadas pelo Monsenhor Expedito Sobral de Medeiros (1916-2000), sacerdote que viveu no sertão potiguar por 61 anos, dos quais 56 dedicados ao povo de São Paulo do Potengi/RN. Dizia ele ter aprendido com o povo das comunidades que o processo educativo tem como ponto de partida a disposição de quem quer saber, a sinceridade de quem responde e a coragem de quem é capaz de ouvir e rever trajetórias provedoras de proximidade. Ao longo da vida o citado religioso aprendeu a sublinhar, nas palavras, o valor dos protestos, das reivindicações e das súplicas. Observador atento do cotidiano e dotado da capacidade de compartilhar experiências armazenadas na alma, as histórias aqui protagonizadas pelo Monsenhor Expedito podem ser observadas como fluxos criativos que bem podem ser desdobrados em pragmática metódica no processo formativo.

Nas duas narrativas que se seguem encontramos respectivamente lições advindas do ceticismo e da esperança e por conseguinte sugerem deslocamentos rumo a reorganização de práticas educativas e pastorais. A primeira narrativa trata de um diálogo do Monsenhor com uma líder comunitária chamada Maria Correia, mulher católica, mas alcançada por sucessivos desencantos e, conseqüentemente, descrente na proximidade do padre às lutas e sonhos da comunidade. Conta o padre:

Aqui na paróquia, havia uma antiga questão de posseiros, para qual eu não dava atenção, pois, pensava como todos os outros padres e bispos, que a Igreja não tinha nada a dizer nesses casos da alçada da

justiça. (...)Um dia, resolvi ir até o lugar daquela questão: uma comunidade paupérrima, desassistida de tudo, sem escola, sem nada! Dizia-se só tina por eles o advogado, Geraldo Pereira, que era de esquerda. Quem liderava a comunidade na defesa da posse de 60 anos era uma mulher corajosa, Maria Correia, que me contou a longa história de sofrimentos e maus-tratos. Prometi ajuda-los no que pudesse. Aí ela se empertigou e me disse pausadamente: 'Não precisamos do senhor, já temos quem nos defenda. Os padres estão do lado dos ricos! Sou católica de coração e associada do Coração de Jesus, mas me desculpe, não precisamos não'. Voltei triste e fiquei remoendo aquelas palavras. Parece que era verdade. Decidi ficar visitando aquela comunidade, a cada dois meses. Celebrava debaixo de um juazeiro frondoso, que logo ficou sendo zelado e enfeitado de bandeirinhas (...). Certo dia, aquela líder comunitária me disse: 'Só não acredito na sua sinceridade porque o senhor, quando vem para cá, passa primeiro na casa do homem [o proprietário da terra]'. Respondi que não era verdade, pois eu só conhecia aquele caminho para chegar ali. Ela me ensinou outro, péssimo. Precisava abrir 21 portei- ras. Mesmo assim, aceitei a proposta e levava comigo no jipe um rapaz só para abri-las. (Medeiros, 2013 p.41-42)

A riqueza de detalhes envolve o leitor/ouvinte conduzindo-o gradativamente à observação, à intimidade e a responsabilidade na mudança de destinos. Observemos que primeiro o sacerdote revê a convicção de que “os padres e bispos” não devem se envolver com a política e decide desloca-se até a comunidade e lá, diante das múltiplas carências encontradas, é inundado pelo desejo de colaborar para minimizar o sofrimento daquela gente. Depois, a cada interpelação de Maria Correia o Monsenhor põe-se a “remoer as palavras”, dito de outro modo, consente-se pensar sobre o que está sendo dito e vai movendo suas ações em busca da proximidade com a líder comunitária. Pensando no exposto pelo Monsenhor Expedito poderíamos dizer que aquele foi início de conversão para ambos. A experiência da proximidade transformou-os. Talvez a leveza da arte traduza melhor a profundidade daqueles diálogos. Pelos versos de Vanessa da Mata (2011) podemos aclarar a disposição do Monsenhor Expedito e da líder Maria Correia como o desenvolvimento das aptidões capazes de habilitar o coração:

As palavras saem sem quer
Rezam por nós dois
Tome conta do que vai dizer
Elas estão dentro dos meus olhos
Da minha boca, dos meus ombros
Se quiser ouvir
É fácil perceber
Não me acerte
Não me cerque

Me dê absolvição
Faça luz onde há involução
Faça os versos para ser meu bem
E não ser meu mal
Habilite o meu coração.

A disposição de abrir 21 porteiros aparece-nos como um efeito pedagógico ensaiado na didática da persistência. Significa menos um capricho e mais a oportunidade de experimentar outra rota. “Quem educará os educadores?”. A indagação feita por Karl Marx, em uma de suas teses sobre Feuerbach e retomada por Edgar Morin (2010, p. 101) como requisito para a reforma do pensamento encontra na narrativa desenvolvida pelo Monsenhor Exedito a confirmação de que é na efervescência da vida comunitária que se desencadeia o processo educativo. A pragmática da metódica das 21 porteiros pressupõe paciência, persistência, desejo de proximidade e capacidade de deslocamento, atributos próprios dos grandes mestres. Aqui a palavra silencia e os passos animam o tempo da espera com ações do esperar (Freire, 2014).

A força dessa narrativa ajuda-nos a perceber que para além da abrir arquivos, acessar portais ou baixar aplicativos, recursos tão bem aproveitados nos processos educacionais da era virtual, é imperativa a maturação do tempo para a efetividade do diálogo que conduz à sabedoria. Requer disposição para experimentar desvios e coragem para consultar mapas de referências onde localizam as pessoas de carne e osso com suas convicções e lutas cotidianas.

Passados mais de 20 anos a persistência da abertura das porteiros pode nos servir de arrimo ao implemento dos objetivos do Pacto Educativo Global em vista de uma política de civilização que acolhe ruídos e contradições sem prejuízo das diferenças. Regenerar a confiança e “colocar pessoa humana no centro” foi o empreendimento do Monsenhor ao ouvir as reivindicações da Líder Maria Correia.

A segunda história diz respeito a uma outra experiência vivida pelo Monsenhor Exedito, desta vez está ligada aos efeitos da estiagem no interior do Rio Grande do Norte. Trata-se de uma lição de vida adquirida através da súplica feita por um homem submetido às condições de trabalho análogas a escravidão durante o flagelo da seca de 1953. Conta o Monsenhor Exedito:

O segundo acontecimento que determinou minha conversão, definitivamente, foi a seca de 1953. Eu e mais cinco padres fomos com o padre Eugênio visitar o açude público de 'Pataxó'. Lá chegando pelas 10 horas, vimos um formigueiro humano de cassacos, carregando barro em caminhões e em costas de jumentos. Uma turma nos reconheceu, pois andávamos de batina. Correu ao nosso encontro o líder e foi nos dizendo: 'Seu vigário, nos tire desta escravidão, pelo amor de Deus!' Aí, passou a relatar as péssimas condições de trabalho, pagamento em vale no barracão, longe da família; o que levava para família no fim de semana não dava para três dias. Quando terminava a seca, alguns espertalhões tinham-se enriquecido às custas da miséria dos desvalidos. Era a maldição 'indústria da seca'.

Logo no início da exposição nos defrontamos com afirmação de uma conversão talhada no molde da compaixão. A descrição do horário e da visão dos homens que trabalhavam em condições sub-humanas dá conta da inquietação instalada na alma do então padre Expedito. Tal inquietação fez-se angústia com a proclamação da súplica: "Seu vigário tire nós desta escravidão, pelo amor de Deus." A voz daquele pobre trabalhador penetra a mente e o coração do vigário e o faz rememorar a passagem bíblica: "Eu ouvi os clamores do meu povo" (Ex 3, 7). Compaixão, inquietação e angústia, sentimentos que mobilizam sujeitos à ação. Ouvir o clamor significar tomar para si a dor do outro. Num mundo onde se naturaliza a insensibilidade, a lição aprendida, por este relato, é a de que os fenômenos climáticos que castiga os mais pobres por vezes servem de enriquecimento aos mais abastados. A defesa da dignidade humana acentua-se no cultivo da sensibilidade.

A partir daquele dia o então padre Expedito fez ecoar nas instâncias governamentais, comunidades e escolas a súplica daquele homem que nem chegou a saber o nome e por isso chamou-o de Zé Cassaco. O propósito de acabar com a "indústria da seca" mobilizou o sacerdote do Potengi por toda sua vida. Muitas ações foram desenvolvidas nesse sentido. Uma delas é também relatada pelo próprio Monsenhor:

Na seca de 1958, a coisa foi diferente. 'O Centro Social de São Paulo do Potengi' decidiu competir com o barracão tradicional. Foi criado um posto de abastecimento e lhe demos o nome de Posto do DNOCS, sem autorização de ninguém. Conseguimos no escritório local daquele Departamento a metade das folhas semanais de pagamento, em gêneros. Em Natal, Dom Eugênio dava o aval ao comércio grossista. A mercadoria era trazida de graça pelos caminhões da Base Naval e aqui era fornecida a preço de custo. Dentro de um mês, o outro barracão fechou! Foi uma vitória (Medeiros, 2013 p. 39).

A luta pela instalação de adutoras para canalizar água e abastecer o sertão potiguar levou, agora, Monsenhor Expedito a liderar uma empreitada de união entre sociedade política e sociedade civil. Daquela súplica até a aprovação do projeto das adutoras passaram-se 39 anos e durante todo esse tempo o vigário buscou corresponder às expectativas do Cassaco de Pataxó que tanto esperava da Igreja. De acordo com Rocha (2021 p. 126)

O projeto inicial da adutora Monsenhor Expedito, no governo Garibaldi Alves Filho, visava atender 20 municípios e 28 comunidades rurais. Atualmente, após ampliações realizadas nos governos subsequentes, a adutora fornece água para 30 municípios e 271 comunidades rurais.

Um trabalho de educação política visando a emancipação do povo do que chamava de cabresto eleitoral foi desenvolvido, por meio da campanha “voto não se vende, consciência não se compra”, que possibilitou aos paroquianos uma reflexão sobre a importância da política na vida comunitária. Ouvir o clamor, denunciar injustiças e construir alternativas foram credenciais do “profeta das águas”, como ficou conhecido o Monsenhor Expedito. Também estas são atitudes de quem se deixa modelar pela compaixão.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Proximidade, persistência e inquietude são pressupostos de uma formação humanística nutrida pelas razões da sensibilidade, alicerçada nos argumentos da esperança e desenvolvida sob os auspícios das forças de conjunção. A resistência a crueldade do mundo, como apregoa Edgar Morin (2019), supõe o percurso de uma pedagogia da religação que, não obstante o cenário das policrises, possa “amadurecer uma nova solidariedade universal e uma sociedade mais acolhedora” como propõe o Papa Francisco no Pacto Educativo Global (2020 p. 4). O convite feito pelos poetas Ronaldo Bastos e Beto Guedes em 1981, pela letra da canção *O sal da Terra*, ainda está valendo e pode ser dirigido às novas gerações:

Anda, quero te dizer nenhum segredo
Falo desse chão da nossa casa
Vem tá na hora de arrumar
Tempo, quero viver mais duzentos anos
Quero não ferir meu semelhante
Nem por isso quero me ferir
Vamos precisar de todo mundo

Pra banir do mundo a opressão
Para construir a vida nova
Vamos precisar de muito amor
A felicidade mora ao lado
E quem não é tolo pode ver.

É tempo de recuperar a confiança na educação. Mirar-se no exemplo do Monsenhor Expedito Sobral de Medeiros, um padre educador convertido pelos aprendizados da vida comunitária, possibilita crer que padres e professores ainda têm papéis importantes na formação de sujeitos conscientes da importância da política e dos princípios éticos. Numa sociedade cujo ordenamento do mercado financeiro modela valores é urgente a celebração de pactos educativos firmados em defesa da dignidade humana e do cuidado da casa comum. Consultar o passado para rever benfazejas lições e revitalizar o horizonte de expectativas são estratégias do esperar a fim de tecer a fraternidade planetária aqui e agora.

REFERÊNCIAS

- BENJAMIN, Walter. O narrador. In. **Obras Escolhidas**, vol. I São Paulo: Editora Brasiliense, 1994.
- BÍBLIA SAGRADA. Edição Pastoral. São Paulo: Paullus, 1991.
- FRANCISCO. **Pacto Educativo Global-PED**. Vademecum português: Global Compact on Education, 2020.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Esperança**: um reencontro com a Pedagogia do Oprimido. São Paulo: Paz e Terra, 2014.
- GUEDES, Beto; BASTOS, Ronaldo. O sal da Terra. Disponível em <https://www.lettras.mus.br> acessado em 12/09/2024
- HAN, Byung-Chul. **A crise da narração**. Petrópolis/RJ: Vozes, 2023.
- MATA, Vanessa. As Palavras. Disponível em <https://www.youtube.com> acesso em 12/09/2024.
- MEDEIROS, Expedito Sobral de. **Pelos caminhos do Potengi**. Natal: Flecha do tempo; Arquidiocese de Natal; Offset Editora, 2013.
- MORIN, Edgar; SLOTERDIJK, Peter. **Tornar a Terra habitável**. Natal: EDUFRN, 2021.
- MORIN, Edgar. **Fraternidade**: para resistir à crueldade do mundo. São Paulo: Palas Athena, 2019.
- MORIN, Edgar. **A via para o futuro da humanidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013.
- MORIN, Edgar. **A Cabeça bem-feita**: repensar a reforma, reformar o pensamento. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.
- MORIN, Edgar. **O Método 6**: ética. Porto Alegre: Sulina, 2005.

MORIN, Edgar. **O Método 5**: a humanidade da humanidade. Porto Alegre: Sulina, 2002.

KANT, Emmanuel. **Crítica da Razão Pura**. Editora Vozes: Rio de Janeiro, 2016.

ROCHA, Jaime Vieira. **Monsenhor Exedito Sobral de Medeiros**: um arauto da dignidade humana no Sertão Potiguar. Natal/RN: Offset Editora, 2021.

SNOW, Charles Percy. **As duas culturas e uma segunda leitura**. São Paulo: EDSP, 1995.